

THEATRO DE S. CARLOS



A CONTRALTO
SCHALCHI-LOLLI

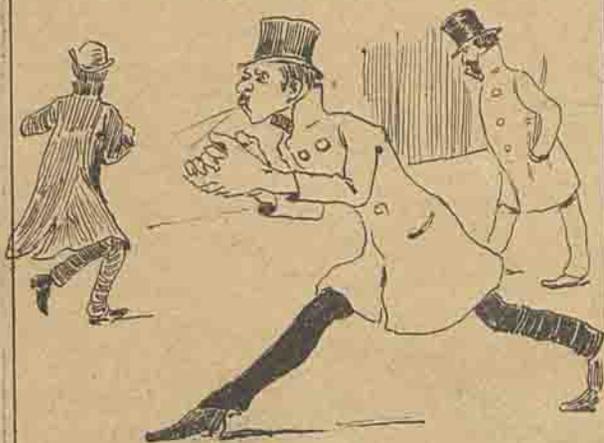
CHRONICA



Se sua magestade, como o rei da *Perichole*, tivesse nos ultimos dias percorrido sob um disfarce as ruas da cidade, diria tambem, como aquelle seu collega de operetts :

—O povo está satisfeito! Andam todos a correr e esfregando as mãos de contentamento, o que prova que o trabalho não falta e que os negocios tambem correm ás mil maravilhas!

Effectivamente, todos os subditos de sua magestade andam por essas ruas n'uma actividade pouco commum e n'um esfregar de mãos que causa espanto!



Todos, é modo de dizer...

O sr. Unthan, por exemplo, não se associa a esta geral manifestação; e não se associa por trez motivos respeitaveis:

- 1.º—Porque não é subdito de sua magestade.
- 2.º—Porque já não está em Lisboa.
- 3.º—Porque, ainda que fosse e estivesse, não tinha mãos para esfregar...

Salvo, porém, esta honrosa excepção, o certo é que todos os outros esfregam como quem vae de caminho!

E, sabidas as contas, não são os negocios nem o contentamento quem determina essas correrias e essas esfregações.

E' simplesmente o frio.



Ora o frio tem, como os srs. sabem, ou vão ficar sabendo d'esta vez, a propriedade de encolher os corpos.

O sr. Rosa Araujo, *verbi et gratia*, se o deixassem ao relento por uma d'estas noites frigidissimas, em vez de florir, como acontece em igualdade de circumstancias ás alchofras na noite de S. João; o sr. Rosa Araujo encolheria de tal maneira que não seria coisa muito difficil accommodal-o n'uma d'aquellas garrafas de vinho Ribeira Brava, fabricadas á imagem e semelhança do nosso collega Augusto Ribeiro!



Por isso nos não surprehendemos absolutamente nada, quando, logo ao quarto dia de sessão parlamentar, a camara não reuniu por falta de numero, repetindo-se o mesmo facto na sessão immediata.

E' que, com o frio, succedeu á maioria do sr. Fontes o mesmo que succede a todas as coisas:—encolheu...



A unica coisa que não encolheu com o frio, antes vae crescendo a olhos vistos, é o numero de pessoas que *fazem* a Avenida.

O Chiado e a rua do Oiro desfazem-se em prantos, de saudade por já não encontrarem quem os *faça*.



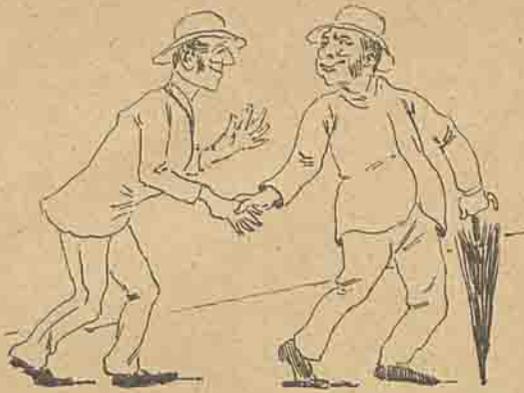
A Avenida tornou-se moda juntamente com o verbo *fazer*.

O indigena, habituado como está a não fazer coisa nenhuma, achou o meio de se illudir a si proprio, fingindo que faz coisas do arco da velha.

Faz o cavaco, faz o voltarete, faz musica, faz a Avenida—faz o diabo!

Ainda hontem surprehendemos o seguinte dialogo entre dois *gentlemen* distinctissimos:

—Então que se faz?



— Tenho estado a fazer horas e agora vou fazer o jantar..

E não mentia. Quem d'ahi a pouco tempo passasse pela rua do Carvalho, poderia vêr aquelle *gentleman*, de avental e bonet branco, a *fazer o jantar* ao pé da chaminé:

Era o cosinheiro da tia Leonarda...



Outro cavalheiro, que costuma todos os dias passar algumas horas em casa do filho mais novo, dizia ha pouco, despedindo-se dos amigos á porta do José Alexandre:

— Adeus, que são horas de ir fazer o meu ultimo filho...

Mercê da permanencia em Lisboa de mademoiselle Elvira Guerra, a cavallaria continua a estar muito em moda.

Alfredo Tinoco apparece algumas vezes na Avenida montando um fogoso cavallo branco que tem dado logar aos mais extraordinarios *qui-pro-quis*.

Ha poucos dias, parando o Tinoco a conversar com o sr. Manoel da Assumpção, dois pretendentes se acercaram d'elles e, confundindo-os, queria o primeiro que Tinoco o despachasse para um logar da Penitenciaria, ao passo que o segundo pedia encarecidamente ao sr. ministro da justiça que fosse picar um boi a ferros curtos n'uma toirada de curiosos!



O embalsamamento do corpo de D. Fernando, importou em tres contos de réis, além do preço das drogas empregadas, visto como foram distribuidos 5000000 réis a cada um dos seis peritos encarregados d'aquella operação.

Para conservar uma pessoa *vivinha da costa* era um preço razoavel; agora, para a conservar depois de morta, parece-nos um tanto salgadinho...

Como aquelle, naturalmente, é o preço estabelecido para o embalsamamento de todas as pessoas reaes, já hoje prohibimos expressamente ao nosso papagaio—



sob pena de nunca mais lhe pedirmos o pé nem darmos a sopa de massa — que se inculcasse *papagaio real*.

Não nos sentimos com coragem nem com pé de meia para dispendermos tres contos de réis, quando o passarinho da rua Nova do Almada leva apenas nove tostões por nos embalsamar as aves de estimação.



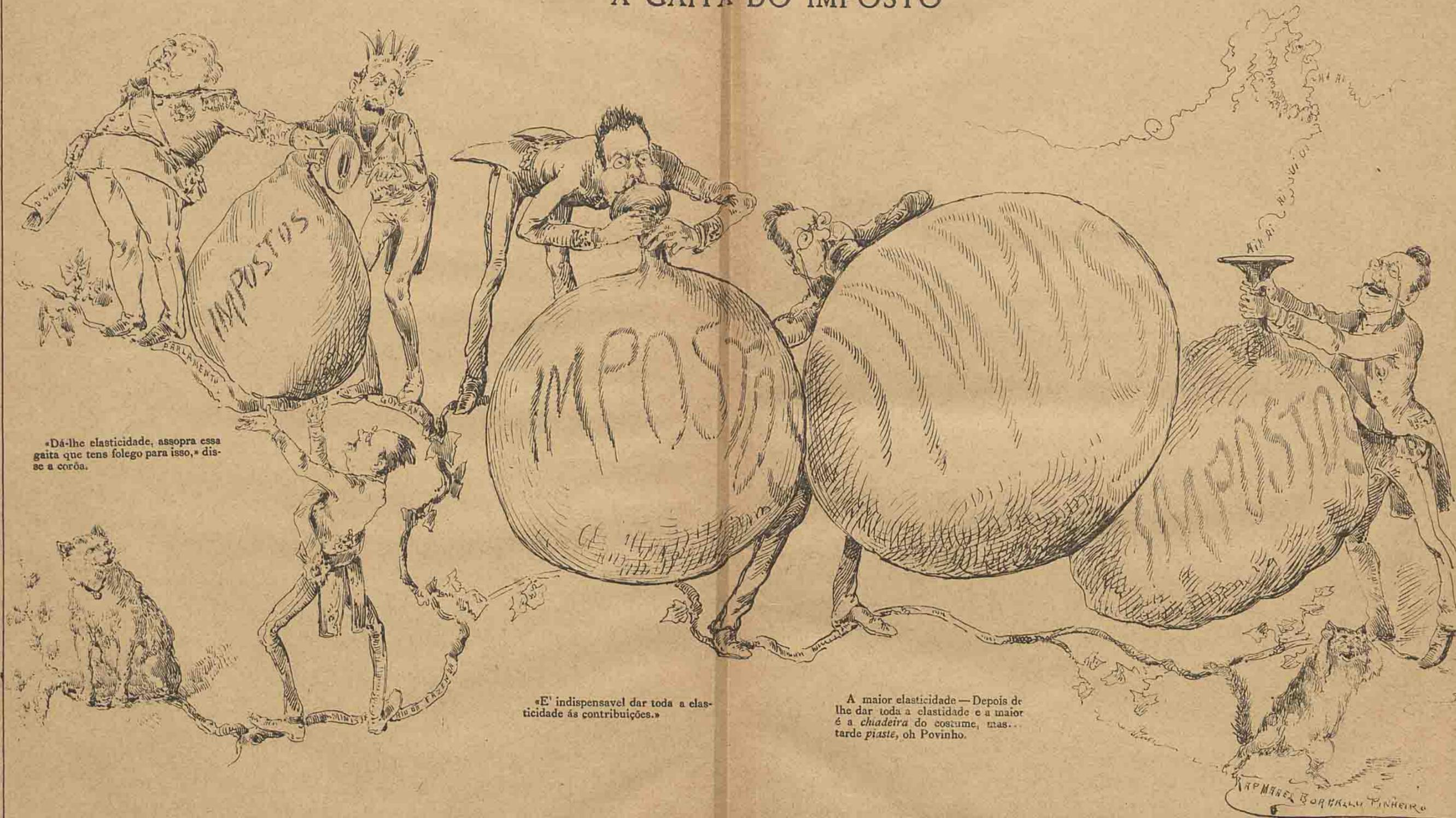
O theatro dos Recreios tem ganho um dinheirão com o seu *Az de Paus*.

O publico, desconfiado, começa a *rosnar* baixinho que ali anda batota, que é volta de baralho marcado, e o Salvador Marques, para fugir a responsabilidades e mostrar que *não ha preparação*, resolveu mudar de naipe, passando a annunciar nos cartazes, em vez do *Az de Paus*, o *Az de Copas*.

Muito satisfeito por esta resolução da empreza, o sr. Bailio de Malta já mandou pedir ao Salvador que lhe reservasse uma assignatura de 1.ª ordem para todas as noites em que se dê o *Az de Copas*.



A GAITA DO IMPOSTO



«Dá-lhe elasticidade, assopra essa gaita que tens folego para isso,» disse a corôa.

«E' indispensavel dar toda a elasticidade ás contribuições.»

A maior elasticidade — Depois de lhe dar toda a elasticidade e a maior é a chadeira do costume, mas... tarde piaste, oh Povinho.

BORRALHO PINHEIRO



O Colyseu, para agradar a todos os paladares, anuncia agora para as suas recitas *Pombos e Toiros*.

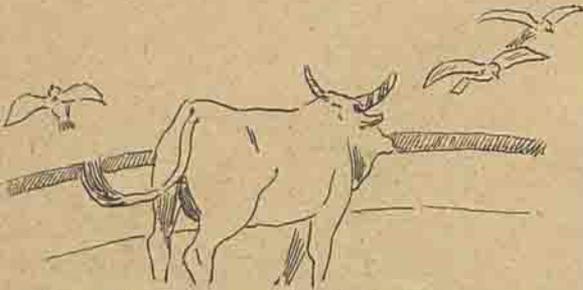
Pombos, que é tudo que ha de mais manso.

Toiros, que é tudo que ha de mais bravo!

Os toiros já o leitor conhece da época passada, mas conservam-se, não obstante terem vindo repetidas vezes á praça, tão puros como o azeite natural da empresa Val do Rio.

Enrique Diaz faz d'aquelles intelligentes bois tudo quanto quer.

Falta-lhe apenas fazer bifés...



Mademoiselle Ronzatti, a *fascinadora de pombos*, é uma mulher ante a qual se comprehende perfeitamente a *tentação da carne!*

Tem, n'esse genero, elementos de sobejo para tentar este mundo e o outro...

Quando ella se apresenta, rodeada dos seus pombos predilectos, nem parece uma mulher, parece um pombal ambulante.

Mas que opulencia de pombal!

O sr. marquez do mesmo titulo não passa d'um *chochinhas* comparado com o pombal de mademoiselle Ronzatti...

Cada espectador, ao vê-la, lambe os beiços de guloso, não sabemos se cubiçando aquelle pombal para organizar um casal de pombinhos, ou se appetecendo aquelles pombos para condimentar uma travessa de ervilhas...

Hontem á noite, o nosso visinho de *fauteuil*, estava n'uma excitação diabólica por causa de mademoiselle Renzatti.

O pobre homem não socegava um momento!

Batia com as mãos uma na outra, com os pés no sobrado, com as costas nas ditas do *fauteuil*, levantava-se, sentava-se, e dizia-nos de quando em quando, com o olhar muito terno, e a voz entrecortada de emoção ou do que quer que fosse:



—Es...ta... mu...u...lher...fas...fas...fas...

—Faz o quê, homemsinho de Deus? perguntavamos carinhoso.

—Fas... fas... fascina-me! Concluia o nosso visinho com os olhos em alvo e a voz estrangulada na garganta.

Uma vez que a *fascinadora de pombos* o fascinava, formulou-se logo no nosso espirito a seguinte conclusão:

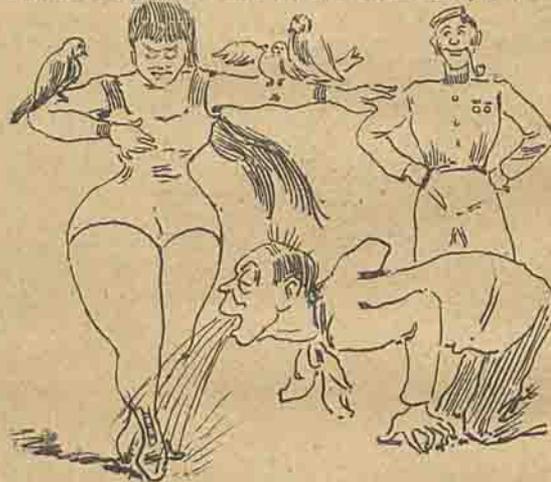
—Isto não é homem, é um pombo!

E espreitámos desfarçadamente, a vêr se lhe descobriamos debaixo do sobretudo a pontinha emplumada das azas brancas.

Mas o homem não tinha debaixo do sobretudo absolutamente nada branco.

Se escondia alguma coisa d'essa côr, era no estomago — em vinho de Bucellas...

Quando mademoiselle Ronzatti retirava do circo, coberta de applausos e de pombos, o nosso homem levantou-se precipitadamente da cadeira e correndo ao encontro d'aquella artista lançou-se-lhe aos pés!



Lançou-se-lhe e lançou-lhe, porque o Bucellas e o amor que lhe ferviam lá dentro eram por egual muito grandes para compartimento tão pequeno.

D'ahi, transbordaram ambos...

Mademoiselle Ronzatti encarou-o por um momento e disse-lhe depois, n'um tom meio ironico meio promettedor:

—Cresça... e appareça...

Esta phrase foi muito commentada durante o intervallo, sem que pessoa alguma lhe comprehendesse o sentido.

Nós comprehendemos perfeitamente.

Tratando-se d'um *borracho*, nada mais natural de que mademoiselle Ronzatti dizer-lhe: «cresça e appareça»...

Foi assim como quem diz:

—Faça-se pombo, e cá terá no meu pombal um logarsinho vitalicio...

PAN-TARANTULA.



A UM PÉ PEQUENO



Passai a noite entretido,
Vendo o pé que ella mostrava
Sob a fimbria do vestido
— Mais pequeno que uma fava!

E lambia-me de goso,
Ao fitar-lhe o pé *mignone*,
Como um cão magro e guloso,
Vendo um branco especione!

Que mimoso pé de fada,
Em botina tão pequena,
Branca, fina e delicada
Como folha de açucena!...

Com que insistência e minúcia
O fitei, dizendo até:—
— Não ser eu coiro da Russia
P'ra calçar aquelle pé!...

Eu quizera, mais que tudo,
Tel-o em casa, em alta estima,
N'um tapete de velludo
Com redoma por de cima!

E regal-o, por meu punho,
De extracto mais fino e rico,
Como as donzellas em junho
Regam pés de mangerico!

Senti cá dentro o desejo
De que Deus me transformasse
Quer em pulga ou persevojo
Que o pé d'ella esborrachasse!

P'ra pé tão breve e singelo
Fôra calçado de sobra
Se lhe déssem por chinello
Uma pevide de abob'ra!

Tão pequeno que, sómente,
P'ra que a vista não se canse,
Posso vê-lo claramente
Com luneta d'alto alcance!

.....
Causa pena, causa magoa
Que um pé que assim me gnfiteiça
Só se occupe em gastos d'agoa
Ao domingo, antes da missa!...

PAN-TARANTULA



OUTRO!

Em todo o reino
Quem, satisfeito,
O punha ao peito
Era só elle!...
E, de vaidade,
Por tal se enchia,
Que nem cabia
Dentro da pelle!

Diziam damas,
De longe ao vel-o
— Como vem bello,
Que bello vem!
Como no colo
Gentil lhe poisa
Aquella coisa
Que nenhum tem!...

E proclamava
Muita *carcaça*;
— Em chiste, em graça
Vale o que pesa!
Conheço, esvelto,
Muito alfenim,
Mas, coisa assim,
Ninguem avesa...

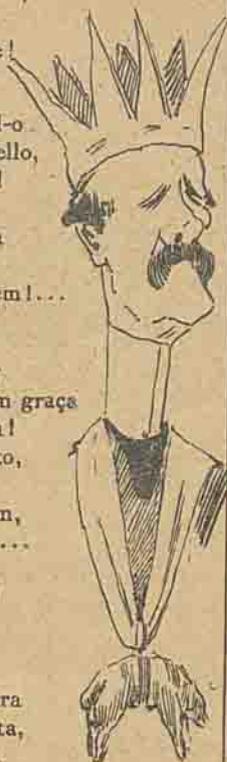
Muita donzella,
Bonita e feia,
A' bocca cheia
Disse por hi:
— Juro p'la honra
De femca honesta,
Coisa como esta
Jamais eu vi!

E o meu gallego,
Um mocetão
Que é cidadão
Nobre de Tuy,
Tambem ao *vel-o*,
Assim se explica:
— Coixa tâ rica
Ninguem puxue!

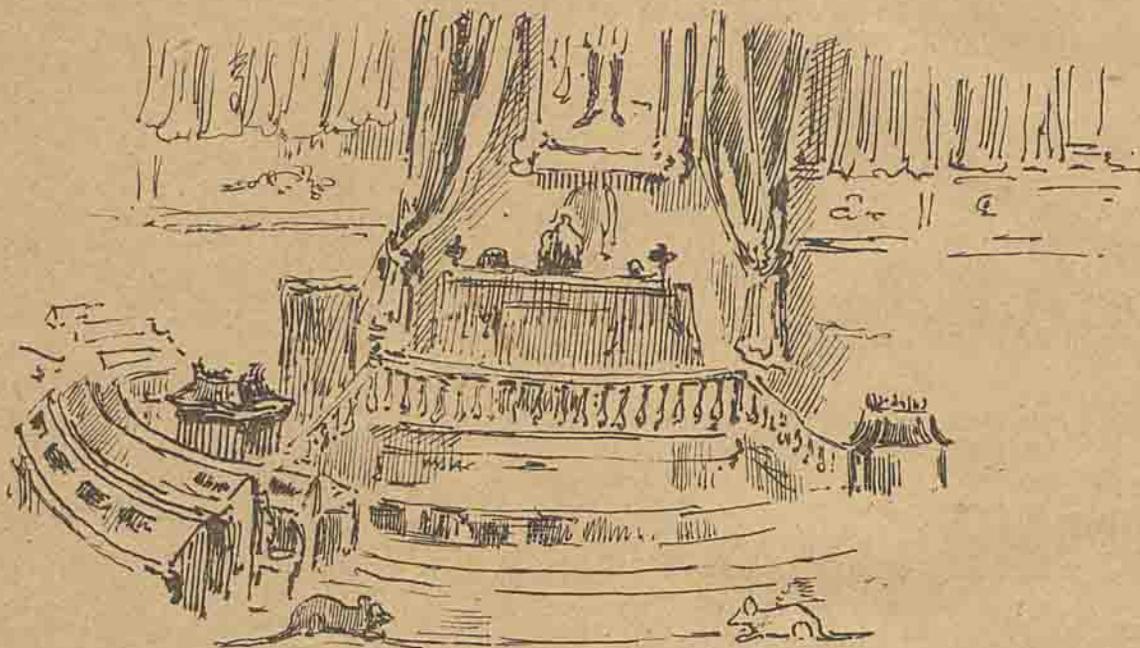
Tal coisa, em summa,
Tão catitinha,
Só elle tinha,
Mas vae depois,
Segundo nova
Muito recente,
Presentemente
Tem-n'a já dois!

Tendo no caso,
Razão aos montes,
Damna-se o Fontes,
E eis a razão:
O D. Augusto,
Mais novo embora,
Tambem agora
Já tem Tosão!

PAN-TARANTULA.



BAIXAMAR



Aspecto da camara dos deputados, á 4.ª sessão parlamentar — tudo ás moscas.

PRAIAMAR



Aspecto da thesouraria, ao 1.º dia de pagamento — a deitar por fóra.